

CURAS E MITOS EM NAVEGAÇÃO, À BEIRA E AO FUNDO DO TAPAJÓS, E EM SUAS MATAS: DUAS PAJÉS NO PROTAGONISMO DAS TRADIÇÕES KUMARUARA ENTRE RITOS, MITOS E ENCANTADOS NO COLETIVO AMERÍNDIO “SOLIMÕES”

HEALING AND MYTH IN NAVIGATION, AT THE EDGE AND DEPTHS OF THE TAPAJÓS, AND IN ITS FORESTS: TWO PAJÉS AT THE FOREFRONT OF KUMARUARA TRADITIONS AMONG RITES, MYTHS, AND SPIRITS IN THE AMERINDIAN COLLECTIVE ‘SOLIMÕES

CURAS Y MITOS EN NAVEGACIÓN, A LA ORILLA Y EN EL FONDO DEL TAPAJÓS, Y EN SUS SELVAS: DOS CHAMANAS EN EL PROTAGONISMO DE LAS TRADICIONES KUMARUARA ENTRE RITOS, MITOS Y ENCANTADOS EN EL COLECTIVO AMERINDIO “SOLIMÕES”

ANDREIA CASTRO DE DEUS

● Mestre em Ciências da Religião (PPGCR-UEPA), Docente da Educação Escolar Indígena (SEMED-Santarém, PA).

MANOEL RIBEIRO DE MORAES JUNIOR

● Doutor em Ciências da Religião (UMESP). Docente da UEPA e Professor Visitante na UMESSP.

RESUMO

A abordagem antropológica da religião mais contemporânea destaca a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural dos povos ameríndios, não apenas como um legado etnohistórico, mas como um componente essencial para a compreensão da vida humana em seus respectivos mundos ecológicos. Esses estilos de vida refletem uma ligação significativa entre pessoas, heranças e seus ambientes antropizados, fornecendo valiosos insights sobre convivência humana e não-humana e de proteção às vidas. É de extrema importância adotar uma perspectiva que reconheça o valor intrínseco desses modos de vida e sua contínua contribuição para as sociedades globais. Este artigo examina como os saberes ameríndios exercem uma influência significativa e duradoura no mundo tapajônico, destacando a relevância dos mitos, rituais e narrativas, transmitidas oralmente, para preservar as dinâmicas dos saberes ancestrais. Estas narrativas revelam a nós histórias vívidas e envolventes que nos foram apresentadas pelas Pajé Neusa Kumaruara, uma guardiã respeitada de saberes de cura, e pela Pajé Suzete Kumaruara, que generosamente compartilha seu conhecimento sobre ervas medicinais e práticas de cura. Além disso, o texto vivifica narrativas mágicas de mitos envolventes, como a fascinante história do boto, uma experiência pessoal da Pajé Neusa e a arrebatadora lenda da Cobra Grande no Rio Tapajós. Essas narrativas, transmitidas dinamicamente de geração em geração, revelam a vasta riqueza dos modos de vida local e regional, que caracterizam as comunidades ameríndias locais da região do Tapajós.

Palavras-chave: Tapajós, Pajelança Feminina, Kumaruara, Ameríndios

ABSTRACT

The contemporary anthropological approach to religion emphasizes the importance of recognizing and valuing the cultural diversity of Amerindian peoples, not merely as an ethnohistorical legacy but as an essential component for understanding human life within their respective ecological worlds. These lifestyles reflect a significant connection between people, heritage, and their anthropized environments, providing valuable insights into human and non-human coexistence and life protection. It is of utmost importance to adopt a perspective that acknowledges the intrinsic value of these ways of life and their continuous contribution to global societies. This article examines how Amerindian knowledge exerts a significant and lasting influence on the Tapajós world, highlighting the relevance of myths, rituals, and orally transmitted narratives in preserving the dynamics of ancestral knowledge. These narratives reveal vivid and engaging stories presented to us by Pajé Neusa Kumaruara, a respected guardian of healing knowledge, and Pajé Suzete Kumaruara, who generously shares her knowledge of medicinal herbs and healing practices. Additionally, the text brings to life magical narratives of engaging myths, such as the fascinating story of the boto, a personal experience of Pajé Neusa, and the captivating legend of the Cobra Grande in the Tapajós River. These dynamically transmitted narratives from generation to generation reveal the vast wealth of local and regional ways of life that characterize the indigenous communities of the Tapajós region.

Keywords: Tapajós, Female Shamanism, Kumaruara, Amerindians

RESUMEN

El enfoque antropológico de la religión más contemporáneo destaca la importancia de reconocer y valorar la diversidad cultural de los pueblos amerindios, no solo como un legado etnohistórico, sino como un componente esencial para la comprensión de la vida humana en sus respectivos mundos ecológicos. Estos estilos de vida reflejan un vínculo significativo entre personas, herencias y sus entornos antropizados, proporcionando valiosas perspectivas sobre la convivencia humana y no humana y la protección de las vidas. Es de suma importancia adoptar una perspectiva que reconozca el valor intrínseco de estos modos de vida y su continua contribución a las sociedades globales. Este artículo examina cómo los saberes amerindios ejercen una influencia significativa y duradera en el mundo tapajónico, destacando la relevancia de los mitos, rituales y narrativas transmitidas oralmente, para preservar las dinámicas de los saberes ancestrales. Estas narrativas nos revelan historias vívidas y cautivadoras que nos han sido presentadas por la Pajé Neusa Kumaruara, una respetada guardiana de saberes de sanación, y la Pajé Suzete Kumaruara, quien generosamente comparte su conocimiento sobre hierbas medicinales y prácticas de curación. Además, el texto da vida a narrativas mágicas de mitos envolventes, como la fascinante historia del delfín rosado, una experiencia personal de la Pajé Neusa, y la impactante leyenda de la Serpiente Gigante en el Río Tapajós. Estas narrativas, transmitidas dinámicamente de generación en generación, revelan la vasta riqueza de los modos de vida locales y regionales, que caracterizan a las comunidades amerindias locales de la región del Tapajós.

Palabras clave: Tapajós, Chamanismo Femenino, Kumaruara, Amerindios.

INTRODUÇÃO

Os modos de vida ameríndios são de extrema importância devido aos seus modos únicos de pensar, rastros etnohistóricos e valores existenciais. Eles são essenciais por serem humanos e, por sua natureza, têm garantias à liberdade eco-comunitária para a existência.

Em nosso tempo, tornou-se comum avaliar essas expressões profundamente humanas, muitas vezes, por meio de razões utilitárias, regidas por finalidades específicas de comércio, produção, políticas, ciências, religião e proteção ambiental. No entanto, como indica João Pacheco de Oliveira (2014), é crucial reconhecer e valorizar essas culturas não apenas por sua utilidade prática, mas por seu valor intrínseco e contribuição à diversidade humana, além de sua resistência e luta por direitos. Darcy Ribeiro (1995), em suas obras, enfatiza a riqueza cultural dos povos indígenas e a importância de preservar suas tradições e modos de vida. Ele argumenta que os povos indígenas possuem um conhecimento profundo e uma relação harmoniosa com a natureza, que é fundamental para a sustentabilidade ecológica.

Darcy Ribeiro (1995) destaca que a diversidade cultural dos povos indígenas é um patrimônio valioso da humanidade, que deve ser respeitado e protegido contra as ameaças do mundo moderno. Em sintonia com essas ideias, Pacheco de Oliveira (2014) contribui para o debate crítico sobre a integração dos povos indígenas na sociedade contemporânea, sem que isso significasse a perda de suas auto-identidades e direitos locais e internacionais. Ele destaca a importância de as políticas públicas garantirem, ao máximo, autonomia e a sustentabilidade dos povos ameríndios, permitindo que eles vivam com autonomia e em condições de valorizarem suas ancestralidades eco-memoriais. Portanto, a valorização dos modos de vida ameríndios vai além de considerações utilitárias, pois se trata de reconhecer e respeitar a sua contribuição única e, em alteridade, para a humanidade e os ambientes.

Esses modos de vida representam uma alternativa valiosa ao modelo de desenvolvimento predominante, oferecendo lições essenciais sobre sustentabilidade, coexistência e respeito mútuo. Mas, pode-se escrever sobre uma importância das expressões ameríndias? Sim, conquanto a importância seja endereçada aos povos urbanos associados à economia de circulação e produção industrial. E, neste horizonte, a importância das expressões ameríndias é um componente fundamental na formação dos modos de vida sul-americanos e global. Em vetor diferente aos das sociedades modernizadas, é observável que a mentalidade das sociedades regidas por ideais de tradições frequentemente reconheça e valorize a interação, inclusive normativa, com entidades presentes não-humanas, ou seja, de intensas divindades, heroínas ou heróis, de encantados ou antepassados.

CURAS E MITOS EM NAVEGAÇÃO, À BEIRA E AO FUNDO DO TAPAJÓS, E EM SUAS MATAS: DUAS PAJÉS NO PROTAGONISMO DAS TRADIÇÕES KUMARUARA ENTRE RITOS, MITOS E ENCANTADOS NO COLETIVO AMERÍNDIO “SOLIMÕES”

Nesse contexto, é importante que sejam observadas as práticas simbólicas, mitológico-políticas, rituais, de cuidados etc., que são os meios pelos quais esses coletivos expressam e vivenciam um complexo sistema de compreensão da realidade. Para se compreender aproximadamente estas dinâmicas é importante se compreender o enlaçamento social com porosidades ambientais (Ingold, 2020), seus sistemas simbólicos e ontológicos (Strauss, 1976; Descola, 2013), mas também as experimentações e iconização de teor religioso, pelas singularidades humanas (Ricoeur, 2000; Tillich, 2005).

Deste modo, as narrativas locais seriam uma narrativa abrangente, teológica no sentido grego, na e pela qual, segundo Maluf (1999), se apresenta uma forma de interpretação pela e pelos próprios interlocutores locais, tanto das experiências pessoais quanto coletivas, um arcabouço imaginativo de pleno sentido orgânico. À luz destas ideias de Maluf, podemos afirmar que as narrativas locais são plenas experiências de presentificações e sentidos, que se apresentam neste estudo ameríndio, através dos quais são abordados os saberes de duas mulheres pajés do coletivo da Aldeia Solimões, Kumaruara, sobre humanos e não-humanos, e suas experiências e sentidos que se dão às experiências de seus mundos por meio de ritos, saberes, narrativas, cuidados, normalizações, trânsitos em hiper mundos etc.: o sentido ontológico das experiências e dos sentidos dinâmicos no mundo.

103

O MUNDO TAPAJÔNICO DAS ETNORRESSITÊNCIAS

Segundo Vaz Filho (2010), a etno-emergência de ameríndios no Baixo Tapajós, no final dos anos 1990, pode ser compreendida como a transição de uma resistência silenciosa para uma resistência pública de coletivos com intensas raízes ancestrais. Nesse período, os povos indígenas começaram a reafirmar e defender uma autoidentidade que havia sido silenciada por muito tempo. Essa ressurgência nos mostra claramente que toda a violência colonial perpetrada ao longo dos séculos não foi capaz de exterminá-los.

Tapajós (2018) concorda que a emergência dos povos indígenas no Baixo Tapajós no final dos anos 1990 marca uma importante transição: a mudança de uma resistência silenciosa para uma resistência pública. Os povos ancestrais, que por muito tempo tiveram suas vozes colonialmente silenciadas, passaram a afirmar e defender uma identidade que havia sido silenciada no passado. Essa transformação representa um poderoso ato de resgate e reafirmação de valores e modos de vida ameríndios. A volta de povos do Baixo Tapajós mostra que toda a violência colonial praticada ao longo dos séculos não foi capaz de exterminá-los.

Deste modo, Almeida e Marín (2014) apontam que no Baixo Tapajós, a dimensão política dos processos de territorialização dos indígenas se relaciona principalmente com a apropriação de território pelos grupos étnicos e com a defesa de um modo de vida que conflita com as normativas das unidades de conservação e com as atividades econômicas de exploração e devastação dos recursos naturais. Podem-se identificar três momentos importantes desse processo de organização.

Costa et al. (2013) comentam que na região do Baixo Tapajós, no estado do Pará, tem se observado, nos últimos 30 anos, um processo crescente de territorialização de povos ameríndios, que, por meio de diferentes etnias, estão se autoafirmando em seus territórios tradicionalmente ocupados. Tais povos indígenas se organizam em associações, conselhos e por territorialidades específicas, segundo seus grupos étnicos e os territórios reivindicados. São territorialidades próprias, nas quais a identidade constitui elemento mobilizador do próprio grupo, tanto na luta pelo atendimento de suas reivindicações quanto na relação com outros agentes sociais.

Para Peixoto, Arenz e Figueiredo (2012), o primeiro momento ocorreu quando houve o movimento pela criação da Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns. Foi um marco importante na mobilização das comunidades ribeirinhas do Baixo Tapajós. Essas comunidades, preocupadas com a ameaça de atividades ilegais, como exploração madeireira e mineração, viram na criação da Resex uma oportunidade de proteger seus territórios e garantir a sustentabilidade de suas atividades extrativistas. Segundo Lima (2015), a mobilização foi impulsionada pela formação de um Grupo de Trabalho (GT), composto por representantes das comunidades ribeirinhas, apoiado por entidades como o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Igreja Católica e outras ONGs.

Essas entidades desempenharam um papel importante na articulação e no apoio logístico ao movimento. Além disso, o Ministério Público Federal (MPF) também se engajou no processo, fornecendo suporte jurídico e institucional para a defesa dos direitos das comunidades ribeirinhas e a criação da Resex. O MPF atuou na fiscalização e no combate às atividades ilegais na região, buscando assegurar a proteção ambiental e o respeito aos direitos das comunidades locais.

De acordo com Tapajós (2018), no início de 1997, após muitos encontros intercomunitários, mais de 60 comunidades solicitaram oficialmente a criação da Resex Tapajós-Arapiuns e realizaram várias mobilizações para pressionar o Governo Federal a atendê-las (Vaz, 2010).

Foi nesse momento de mobilização que, em 1997, por iniciativa de Florêncio Vaz, foi fundado o Grupo Consciência Indígena (GCI). Em fins de 1998, a Resex Tapajós-Arapiuns foi criada, significando uma grande conquista para as comunidades locais. Foi nesse contexto que o movimento indígena passou a se organizar nessa região.

Almeida e Marín (2014) salientam que o segundo momento se refere à autoafirmação das famílias da comunidade de Taquara, em 1998, que, atendendo ao pedido de seu curador Laurelino Floriano, o qual afirmava não ter vergonha de sua origem indígena, protocolaram na Funai a primeira solicitação de reconhecimento oficial da identidade indígena. Após a adesão da comunidade de Taquara ao movimento indígena, outras comunidades passaram a se reconhecer como indígenas.

Pautando-se em Peixoto, Arenz e Figueiredo (2012), destaca-se que é fundamental compreender que o reconhecimento e a valorização da identidade indígena não estão mais ligados exclusivamente à ideia de pureza étnica ou de estar em completo contraste cultural com a sociedade dominante. Atualmente, há um entendimento de que o que importa é a autoidentificação coletiva como indígena, independentemente do grau de mestiçagem existente. As legislações contemporâneas refletem essa nova perspectiva, permitindo o reconhecimento de populações que se auto identificam como ameríndio.

Como apontado por Almeida e Queiroz (2004), ao expressarem seus mitos e toda a dinâmica de suas expressões simbólicas, narrativas e rituais, os ameríndios do Tapajós se posicionam como os legítimos autores de sua própria história. Diante de tais concepções, e para destacar as tradições, mitos e encantados da Aldeia Solimões do Povo Kumaruara, apresentam-se as falas de pajés no tópico seguinte. Nesse contexto, destaca-se a figura da pajé Neusa, que se tornou uma guardiã das práticas ancestrais de cura de sua comunidade. Através de sua narrativa, a Pajé Neusa compartilhará a jornada de sua vida como pajé na Solimões, revelando os segredos e desafios que enfrentou ao longo de seu percurso.

O tópico seguinte destacará as receitas caseiras que a Pajé Neusa utiliza para curar doenças, transmitindo assim um conhecimento tradicional valioso que é passado de geração em geração. Essas práticas de cura não apenas refletem a riqueza das tradições indígenas, mas também demonstram a vitalidade e a relevância contínua desses rituais na vida das comunidades indígenas. Além disso, é importante ressaltar que essas práticas de cura, transmitidas através de gerações, são um testemunho vivo da sabedoria ancestral e da resiliência das comunidades indígenas. Elas representam uma forma de resistência e uma maneira de afirmar

sua identidade em um mundo em constante mudança. Ao compartilhar essas práticas e conhecimentos com outros grupos as comunidades indígenas estão não apenas preservando sua herança sapiencial, mas também contribuindo para a diversidade de expressões de vida e o conhecimento coletivo da humanidade.

Maluf sublinha a narrativa como uma das dimensões mais cruciais da antropologia contemporânea. Nos últimos anos, a autoconstrução tanto no nível pessoal quanto no coletivo tornou-se de interesse especial para os antropólogos sociais. Aqui, Maluf investiga o papel fundamental das narrativas terapêuticas e autobiográficas como veículos de sentido. Ela argumenta que essas narrativas não são apenas relatos de eventos passados, mas sim processos altamente ativos de construção de significado. Esse significado resulta tanto da dimensão objetiva das experiências passadas quanto da subjetiva e pessoal. É a forma como as pessoas percebem, analisam e interpretam suas histórias e a história de suas comunidades que confere a essas narrativas seu poder transformador.

SABERES MITOPOLÍTICOS NA PAJELANÇA: A PAJÉ SRA NEUSA KUMARUARA

Para Maluf, as narrativas locais não apenas apresentam as tradições e as histórias de uma região e de um povo, mas também indicam práticas vinculadas à ancestralidade, abordando aspectos que os antigos antepassados teriam conhecido, experimentado e elaborado ritualmente. Essas histórias são consideradas sistemas cosmológicos que são ressignificados através de transformações ao longo do tempo e espaço, materializando-se nas diversas interações realizadas.

As histórias contadas atuam como agências que revelam a forma como essas modos de viver e saber percebem o mundo, estabelecem seus valores e definem suas regras espirituais e materiais. Ao estudar as cosmovisões das sociedades tradicionais, torna-se evidente que essas narrativas desempenham um papel mediador relevante no cotidiano dos povos. Eliade oferece uma explicação sobre esse papel, destacando a importância das narrativas na manutenção e transmissão de conhecimentos.

O papel e a função dos mitos ainda podem (ou podiam, até recentemente) ser minuciosamente observados e descritos pelos etnólogos. Interrogando os indígenas a respeito de cada mito, bem como de cada ritual das socieda-

des arcaicas, foi possível apurar, ao menos em parte, o significado que lhes atribuem. Evidentemente, esses “documentos vivos”, registrados no curso de investigações efetuadas *in loco*, de modo algum solucionarão todas as nossas dificuldades. Mas eles têm a vantagem considerável de nos ajudar a colocar corretamente o problema, ou seja, situar o mito em seu contexto sócio-religioso (*sic*) original (Eliade, 1984, p. 8).

Nessa premissa, Almeida e Queiroz (2004) complementam destacando que um mesmo sistema denominado mitológico pode existir em diversas versões, cada uma revelando uma perspectiva única dos acontecimentos que se desenrolam em um conjunto de narrativas. Essas diferentes versões acrescentam cores e nuances ao universo cosmológico, enriquecendo-o com múltiplos aspectos filosóficos, mas mantendo os traços essenciais dessas histórias.

Os Kumaruara, como muitas outras expressões de coletivos ameríndios, valorizam a tradição oral como meio de transmitir histórias, mitos e conhecimentos de geração em geração. Essas narrativas desempenham um papel crucial na transmissão de conhecimentos e na criação de um senso de pertencimento à comunidade. À medida que o tempo avança e a sociedade indígena enfrenta mudanças, essas histórias continuam em processo de transformação. No entanto, mesmo com as modificações, elas permanecem enraizadas nas memórias indígenas, demonstrando a resistência e a vitalidade dos saberes ameríndios. Esta vitalidade é comparável à renovação constante das colheitas de milho, que sustentam a vida de um povo guerreiro, conforme enfatizado por Silva (2016).

Assim, no coração da densa floresta amazônica, onde a flora e a fauna se fundem com a espiritualidade, emerge a sábia voz da pajé Neusa Kumaruara. Enraizada nas tradições ancestrais de seu povo, Neusa se revela como uma protetora dedicada das práticas mitológicas e dos seres mágicos que constituem a visão de mundo de sua comunidade, os Kumaruara.

Por meio de suas narrativas simples, transmitidas de uma geração para outra, ela nos guia por um universo onde os mitos transcendem a categoria de meras histórias; eles são os alicerces para entender as cosmovisões, os ciclos da existência e a profunda ligação entre os seres humanos e o mundo natural.

Neste ponto, adentraremos à jornada espiritual e de cura guiada por Neusa Kumaruara, explorando seus sistemas explicativo-compreensivos e seres encantados que formam a base de sua prática como pajé. Seremos conduzidos(as) por um território rico em simbolismo, onde os elementos da floresta, os espíritos ancestrais e as divindades celebradas se entrelaçam para criar o tecido da existência dos povos que partilham essas crenças e valores. Por meio das palavras simples, porém profundas da pajé, desvelaremos a importância crucial dessas narrativas no dia a dia e na saúde espiritual e física de seu povo.

Nesse contexto, os tópicos a seguir apresentarão cosmovisões de seres encantados compartilhadas por Neusa, como a história do boto, uma narrativa de maldição e o mito da cobra gigante no Rio Tapajós.

Neste tópico, o boto ganha vida não apenas como uma figura mitológica, mas como um habitante real das águas que moldam a vida das comunidades ribeirinhas. A voz da Pajé Neusa revela um mundo onde mito e realidade se entrelaçam, proporcionando uma compreensão mais profunda da Amazônia. Suas narrativas são como rios sinuosos que nos levam às profundezas dos saberes amazônicos.

Ao ser convidada a contar uma história do boto, a Pajé Neusa prontamente compartilhou uma experiência pessoal, como se segue:

Eu tava de resguarde porque ganhei uma criança, aconteceu que quando eu ia dormir, eu pensava que era meu esposo que ia para o trabalho, aí entrava uma pessoa no quarto, quando eu via tava deitado comigo, o bebê podia estar junto comigo, mas ele ia deita junto comigo, aí eu não podia dormir, eu passei quase 8 dias assim sem poder dormir, aí eu não sabia o que era, até de dia eu não podia dormir, que aquilo vinha do meu ado, eu via, eu sentia aquilo, aí chegou uma senhora em casa perguntando como eu estava e eu meu esposo disse que eu estava bem, aí ela foi lá comigo e eu contei pra ela o que tava acontecendo, que eu não podia dormir, que uma coisa não deixava eu dormir, que vinha como uma pessoa, aí depois eu não sentia mais, eu ficava adormecida sem saber o que era.

Aí ela disse: ah é o boto, que senti a senhora e tá querendo ficar com a senhora, aí eu disse mais nem me diga isso, aí ela disse, mas é verdade. Sabe o que a senhora faz, diga para o seu marido fazer uma fumaça de pimenta malagueta, com a casca do parita, aí vira taia e seis horas da tarde coloca atrás do seu quarto, bem atrás da porta do seu quarto quando tá queimando. Aí eu mandei ele fazer, aí ela disse quando a senhora for se deitar, for dormir, pegue um dente de alho, quebre ele bem no meio e passe em cruz nas suas mãos e nos seus pés e coloque o resto bem em baixo da sua cama e da sua rede, que ele vai se afastar. Aí graças a Deus eu fiz e ele se afastou, aí eu acreditei que fosse mesmo o boto (Pajé Neusa Kumaruara, 2023).

A narrativa compartilhada pela Pajé Neusa Kumaruara, uma guardiã do conhecimento ancestral, oferece uma dimensão fascinante do mundo espiritual, em uma cosmovisão profundamente entrelaçada com a vida cotidiana das comunidades ribeirinhas da Amazônia. A história em questão descreve uma experiência pessoal, permeada por elementos dos entes com os quais interage e a relação íntima com a floresta, fauna, flora, terra e água, centrando-se no encontro da protagonista com uma entidade espiritual específica, o Boto.

O relato começa com um contexto peculiar, em que a protagonista se encontrava em resguardo após dar à luz. Esse é um momento de grande significado nas comunidades amazônicas, onde as mulheres vivenciam uma série de práticas e restrições associadas ao parto e aos cuidados com recém-nascidos(as). No entanto, a história adquire nuances incomuns quando a protagonista descreve a presença de uma entidade que a visita à noite, compartilhando sua cama e perturbando seu sono. Esse episódio é fundamental, pois desdobra-se como o catalisador da narrativa.

A solução proposta pela senhora, envolvendo a criação de uma fumaça de pimenta malagueta e a utilização do alho como repelente espiritual, adiciona um elemento de pragmatismo encantado à narrativa. Essas práticas são exemplos de como as comunidades ribeirinhas frequentemente combinam conhecimentos tradicionais e espirituais para enfrentar desafios pessoais e sociais.

No desfecho da história, a protagonista relata que, graças à aplicação dessas práticas, o Boto se afastou, proporcionando alívio à sua perturbação. Essa conclusão sugere que a compreensão e o respeito pelas forças espirituais que permeiam a vida cotidiana são essenciais

para o cuidado e a dinâmica de interações das comunidades amazônicas. Além disso, a história destaca a importância das narrativas orais e do papel das pajés como transmissoras de sabedoria e mediadoras de conflitos espirituais, contribuindo para a preservação e perpetuação dos ricos e complexos modos de pensar e narrar amazônicos.

A Pajé Neusa mostrou-nos que, ao longo de suas vivências, pôde presenciar diversas histórias. Uma delas se refere à história da maldição, a qual a Pajé relatou da seguinte maneira:

Morava meio distante deles na colônia. Aí morava uma senhora que só tinha uma filha perto desse rapaz, e esse rapaz não tinha família, era só ele. Trabalhava sozinho, fazia farinha dele só. E a essa senhora idosa, com essa menina, sempre não tinha farinha e pedia para eles farinha. Aí ele dava, sempre ele dava, e quando foi um dia ele não estava bem na vida dele. Ela chegou lá pedindo a farinha, a avó tinha mandado ele pedir uma farinha, aí ele disse que não tinha. Não tinha farinha porque ele trabalhava só e eles não iam menos ajudar. Ele quando tinha mandioca, fazia tudo só, eles não iam ajudar ele. Por isso ele não tinha farinha. Aí a menina foi embora, chegou lá e disse, cadê a farinha? Aí ela disse, ele disse que não tem, que ele não dá mais farinha pra nós. Aí ela disse, tá, tá bom, ele vai me pagar bem pago. Aí tá. Aí ele estava tirando mandioca pra fazer a farinha dele, aí ele deixou lá e foi pra roça de tarde, pra roça dele. Aí ele andando, deu uma ferrada na perna dele, o que ele viu era o carrapato, carrapato muito grande. Aí só fez pegar o terçado e tirou da perna dele o carrapato. Aí foi embora. Aí aquilo ficou doendo aquela ferrada, aquela mordida. Aí ele trabalhou lá e veio, aí pronto. Aí começou a doer, começou a doer. Aí virou uma ferida, virou uma ferida e nunca que sarava. Aí ele colocava remédio que ele sabia e nada. Aí ele dizia só eu indo pro lado do Antônio Gabriel. Aí ele foi pra lá, chegou lá, contou pra ele o que tinha ido fazer. Aí ele disse, ô rapaz você é muito trabalhador. Mas isso foi uma lembrança que fizeram pra você. E você vai se lembrar e você vai saber quem é. Porque você vai se lembrar. Foi uma pessoa que foi atrás de farinha na sua casa e você disse que não dava. Porque ele não te ajudava. E ela mandou isso pra você. Aí ele disse, mas você vai ficar bom. Aí ele fez a

primeira defumação na ferida, no dia que ele chegou, 6 horas da tarde. Aí quando foi no outro dia, 6 horas da manhã, ele foi fazer outra defumação, benzeu. Aí ele fez uma fumaça, botou a perna dele embaixo da fumaça. E disse pra ele, preste atenção que vai sair dessa ferida. Aí a fumaça bem forte, fumaçando embaixo da ferida da perna dele. Colocou a perna dele bem em cima da fumaça. Aí ele foi vendo e ia caindo aqueles bichos de mosca, aqueles bichos grandes, que já tava muito grande, aqueles bichos, ia caindo dentro da fumaça. Ia caindo. Ele fez duas defumações. Quando acabou na última defumação, caiu o resto. E ele ficou bonzinho da ferida da perna dele (Pajé Neusa Kumaruara, 2023).

A história compartilhada pela Pajé Neusa revela a riqueza do conhecimento tradicional e das práticas de cura que fazem parte de suas comunidades. Nesse relato, um homem que havia ajudado uma senhora com farinha de mandioca foi vítima de um feitiço lançado contra ele. A ferida em sua perna se tornou uma preocupação crescente; apesar de seus próprios esforços para tratá-la, a condição persistiu.

O protagonista da história procurou o conhecimento e a ajuda do Pajé Antônio Gabriel. Aqui, se nota a importância da figura do pajé na comunidade, não apenas como curandeiro, mas como alguém que detém a sabedoria espiritual e a capacidade de identificar e tratar males que estão além do entendimento convencional. Essas lideranças comunitárias também oferecem acolhimento e conselhos para cuidados cotidianos.

O processo de cura, envolvendo a defumação da ferida, é um testemunho da fusão do conhecimento medicinal que caracteriza as práticas dos pajés. A fumaça e o ritual desencadearam a liberação dos “bichos de mosca” da ferida, simbolizando a remoção da influência negativa lançada sobre o homem. A história reflete a crença na capacidade de cura das práticas espirituais e socioculturais, bem como na ajuda aos outros em momentos de necessidade.

Em suma, essa história ilustra a herança sapiencial valiosa que pajés, como a Pajé Neusa, carregam consigo e como continuam desempenhando um papel fundamental na saúde e na vida de suas comunidades, unindo sabedoria ancestral e práticas de cura inestimáveis.

Vou contar um caso verídico que aconteceu e que eu vi. Eu tinha 12 anos quando estava viajando de canoa com meu pai, vindo de Santarém. Ficamos na Maria José, esperando o vento melhorar para seguirmos viagem. Quando finalmente saímos da praia, já era noite alta. Navegávamos pelo meio do rio com a vela. Foi então que meu pai avistou uma luz brilhante, parecida com a luz de um carro. Ele pensou que fosse um barco, algo raro naquela época. O rio fazia uma curva perto de uma ponta chamada Cururu no Tapajós. Meu pai disse que um barco estava se aproximando e eu fui ver. Vi aquela luz intensa e fiquei sentada sem prestar muita atenção. Meu pai olhou novamente e disse que o barco havia desaparecido. Ele percebeu que era uma criatura. Começamos a remar em direção à costa. Quando estávamos quase chegando, a criatura emergiu ao lado da canoa. A cabeça dela era alta como a de um cavalo e seus olhos eram tão fortes que cegavam nossa visão. Porém, ela não fez nada conosco, pois Deus nos protegeu. Chegamos à praia pouco antes do amanhecer e ela desapareceu, talvez tenha se sentado, pois não vimos mais a luz dos seus olhos brilhantes. Muitas pessoas dizem que a Cobra Grande é linda, mas nós a vimos de verdade e não era bonita. Acreditem, ela existe aqui no rio Tapajós. Não sei sobre outros rios, mas tenho certeza que aqui tem. Isso não é uma história, é algo que testemunhamos (Pajé Neusa Kuma-ruara, 2023).

A história contada pela pajé Neusa oferece uma visão fascinante das crenças e mitos que permeiam as comunidades ribeirinhas da região amazônica. É uma narrativa envolvente sobre um encontro noturno com uma criatura lendária conhecida como a ‘Cobra Grande’, uma figura mítica na mitologia amazônica.

O relato destaca a importância da tradição oral na transmissão desses mitos e crenças. A pajé tinha apenas 12 anos na época do encontro, o que demonstra como essas histórias são passadas de geração em geração, mantendo viva a rica expressão de conhecimentos da região. A crença na existência da Cobra Grande está profundamente enraizada nas subjetividades das comunidades ribeirinhas e esse encontro, testemunhado pessoalmente, serve como uma confirmação direta dessa crença arraigada.

SABERES E PAJELANÇAS SUZETE KUMARUARA

A Pajé Suzete é mais jovem que a Pajé Neusa. Curiosamente, a Pajé Suzete foi ‘ama’ do filho da Pajé Neusa, e ambas exercem a mesma função na pajelança, que é a prática de cura com ervas medicinais e garrafadas. Além disso, Suzete também atua como parteira, ajudando mulheres indígenas e de comunidades ribeirinhas próximas..

Eu sou pajé, sou pajé de grande fama, toda gente que me chama porque sabe o meu valor. Na minha saca tenho banho de guariba, para passar dor de barriga, quando eu não queira passar. A senhora pega o remédio, é só um remédio simplesinho, tá vendo, né? Às vezes é só uma água, te vê, aí a gente diz para Deus, né? Aí diz, olha, faça um milagre para mim, me cure, que eu tô com fé, que eu vou ficar boa. Aí a senhora toma, então lava a cabeça, então passa no corpo, tá aí, a senhora já pediu, pode esperar o resultado, deixe no seu coração aquelas palavras que se disse, a senhora vai receber, é isso que é a nossa fé (Pajé Suzete Kumaruara, 2023).

113

A declaração da Pajé Suzete Kumaruara revela uma profunda conexão com sua identidade e papel como pajé, enfatizando sua reputação e o respeito que recebe em sua comunidade. Ela se apresenta como uma figura de grande renome, a quem as pessoas recorrem devido ao seu vasto conhecimento e habilidades na medicina tradicional indígena.

A Pajé Suzete compartilha um exemplo prático de um remédio que utiliza para tratar a dor de barriga, chamado ‘banho de guariba’. Embora ela descreva esse remédio como simples, é evidente que possui grande significado em sua prática de cura. Suzete enfatiza a importância da fé no processo de cura, tanto por parte do paciente quanto por parte dela, como pajé. A crença no poder da fé e na palavra de Deus é fundamental em suas práticas.

Essa visão revela a importância da espiritualidade e da conexão com o divino no contexto da medicina indígena, destacando como esses elementos são integrados de maneira inseparável nas práticas de cura tradicionais.

Esse conhecimento que eu tenho, eu acho que vem de Deus, porque eu não tenho professor para isso, eu nunca saí para me aprender, não, nem para fazer parto e nem para fazer massagem, para estudar, para parteira, não foi nunca, nunca, nunca. Então, eu acho que esse conhecimento veio comigo, desde quando eu nasci ele já estava comigo, eu acho que é por isso, porque ninguém sabe o que eu sei, porque é só o meu, né? Aí eu, mas aí eu só faço as coisas do bem (Pajé Suzete Kumaruara, 2023).

O conhecimento que Pajé Suzete possui é considerado um dom divino, uma herança que ela carrega desde o nascimento. Essa sabedoria é única e especial, pois não foi adquirida por meio de estudos formais ou educação convencional, mas sim transmitida de maneira intrínseca e espiritual. Ela enfatiza seu compromisso com o bem-estar e a cura, utilizando seu conhecimento para o benefício da comunidade.

A narrativa da Pajé Suzete reflete uma profunda reverência pela natureza e sua crença na capacidade das plantas medicinais de fornecer remédios eficazes e seguros. Sua dedicação em cuidar das plantas, aprender com elas e compartilhar esse conhecimento com outros demonstra um respeito profundo pela terra e pelas tradições ancestrais.

Além disso, ela compartilhou seus saberes sobre uma doença conhecida como “nuca aberta”, caracterizada por sintomas como dor de cabeça, dor nos olhos, irritação e febre. Essa condição é tratada com práticas tradicionais que refletem tanto a sabedoria acumulada ao longo das gerações quanto a fé na eficácia das plantas medicinais.

Minha gente, existem doenças que somente nós, pajés, conseguimos enxergar. Uma delas é a tal “nuca aberta”. Quando alguém sente dor na cabeça, nos olhos, fica irritado e até com febre, podemos estar diante dessa doença. Mas não se preocupem, nós, pajés, temos o conhecimento para consertar isso, colocando tudo no lugar certo. Quanto aos partos, são tantos que eu já perdi a conta. Até mesmo em Santarém, eu tenho auxiliado nossas mulheres. Acompanho a gestação de perto e, quando chega a hora, sei como conduzir o parto. Depois, há um ritual importante. Preparo um chá de erva cidreira para a mãe beber e passo as orientações sobre os dias de resguardo. Cuidamos um dos ou-

tros com o que a nossa terra nos dá e com o conhecimento que recebemos de nossos antepassados. É assim que seguimos nossas tradições e cuidamos de nossa gente (Pajé Suzete Kumaruara, 2023).

Nota-se o quanto o conhecimento dos pajés é fundamental para reconhecer e tratar essa doença, que pode ser considerada única em seu mundo. Além disso, a atuação da Pajé nos partos demonstra sua versatilidade na medicina tradicional. Ela acompanha de perto a gestação e possui habilidades específicas para conduzir o parto, inclusive em locais distantes como Santarém. O ritual após o parto, que envolve o preparo de um chá de erva cidreira e a orientação sobre os dias de resguardo, reflete a importância dos saberes locais no cuidado com a saúde das mulheres indígenas.

Essas práticas tradicionais mostram como a Pajé desempenha um papel fundamental na preservação e na promoção da saúde dentro de sua comunidade, tal como destaca no seguinte trecho:

Olha, eu, como pajé, acredito que Deus me guia em tudo o que faço. Quando preparo meus chás e garrafadas, faço minhas rezas para que esses remédios sejam eficazes. Na hora do parto, também busco orientação divina para cuidar das mães e dos bebês da melhor forma possível. É verdade, durante o auge da pandemia de Covid-19, os chás que preparei ajudaram muitos dos nossos parentes a não se infectarem com a doença. Acredito que esse conhecimento foi um presente de Deus para que pudéssemos proteger nossa comunidade (Pajé Suzete Kumaruara, 2023).

Essa crença é fundamental na visão de mundo dos povos indígenas da região amazônica, onde a espiritualidade desempenha um papel central na vida cotidiana. Além disso, é notável que a Pajé Suzete acredita que os chás que ela preparou durante o auge da pandemia de Covid-19 tenham desempenhado um papel significativo na prevenção da doença entre os membros de sua comunidade, a quem ela se refere como ‘parentes’. Isso ilustra a confiança nas práticas tradicionais e na medicina natural como formas eficazes de enfrentar desafios de saúde, mesmo em tempos de crise como a pandemia.

Essa abordagem holística, que combina conhecimento tradicional, espiritualidade e cuidados de saúde, é uma característica marcante da medicina tradicional indígena. Ela não apenas enfatiza a importância da prevenção e do tratamento, mas também demonstra como a espiritualidade desempenha um papel integral na visão de mundo e na prática desses saberes permitindo que suas tradições sejam resilientes e relevantes nos tempos modernos.

A seguir, tem-se o testemunho da Pajé Suzete, que destaca a profunda interligação entre a natureza e a saúde nas comunidades amazônicas, enfatizando a importância de preservar esses recursos naturais e conhecimentos tradicionais para as gerações futuras.

Os nossos antigos, nossos antepassados, eles falavam, e falam até agora, que aqui dentro do nosso território havia muita esta madeira aqui, chamada kumarú. Então, os nossos antigos colocaram o nome de Norte Chinã Kumaruara, porque existia a mão e ainda existe o nosso kumarú. E o kumarú, ele tem uma importância muito grande, porque faz perfume, faz remédio, tira a massa para misturar em uma pomada e tira o óleo para fazer aquele remelexo na garganta, quando a garganta está ardendo, está rouco. Põe o óleo do kumarú na mão, brulha com algodão, aí mete na garganta para ver se não vai ficar bom, não vai desaparecer a dor. E ele é muito importante, e nós não podemos ficar sem o kumarú aqui. A covid, pois, era para isso. Ele foi um remédio muito bom para essa doença (Pajé Suzete Kumaruara, 2023).

As palavras da Pajé Suzete Kumaruara ecoam com profunda reverência pela terra e pelos recursos naturais, destacando a importância do *kumarú*, uma madeira nativa da região, em suas práticas medicinais. Seu relato ressalta como essa madeira desempenha um papel vital na vida das comunidades indígenas, não apenas como material de construção ou fonte de perfumes, mas também como um componente essencial de remédios tradicionais.

A conexão entre o *kumarú* e o tratamento de doenças, como a Covid-19, demonstra a riqueza do conhecimento ancestral das plantas e recursos naturais na cura e no bem-estar das pessoas. Nesse contexto, o kumarú tornou-se um aliado valioso na luta contra a pandemia, fornecendo remédios e alívio para os membros da comunidade afetados pela doença.

A Pajé Suzete Kumaruara destaca a importância da fé em seu trabalho de cura, ressaltando como a crença na eficácia dos remédios naturais influencia os resultados. Sua referência a plantas medicinais como unha de gato, carapanaúba, murassacaca e outras, todas encontradas na floresta, enfatiza a riqueza da biodiversidade amazônica como fonte de medicamentos tradicionais. Essa relação simbiótica entre as comunidades indígenas e a floresta ressalta a importância da conservação da biodiversidade e dos conhecimentos tradicionais para o futuro da medicina e do bem-estar na região amazônica.

Dentro das densas florestas e comunidades indígenas da Amazônia, um rico e intricado conjunto de mitos e encantados se entrelaça com a vida cotidiana das pessoas. Nesse intricado mosaico de histórias e crenças, destaca-se a voz da Pajé Suzete Kumaruara, uma guardiã do conhecimento tradicional de sua comunidade. Em suas narrativas, ela compartilha mitos ancestrais que lançam luz sobre a complexa cosmologia amazônica.

Neste tópico, exploram-se duas narrativas fascinantes contadas pela Pajé Suzete Kumaruara: a “História do Jurupari” e a “História de Pajé Sacaca Antônio Gabriel”. Essas histórias não apenas transportam para um universo de mitos e encantamentos, mas também revelam a profunda conexão entre os povos indígenas da Amazônia, sua rica espiritualidade que os cerca.

Na vastidão da floresta amazônica, onde a natureza dança em seu ritmo ancestral, a voz da Pajé Suzete Kumaruara se ergue para contar a história da Cobra Grande. Este é um conto entrelaçado com raízes profundas nos modos de vida dos povos indígenas da Amazônia, transmitido de geração em geração como um tesouro sagrado de sabedoria. Ao ser convidada a compartilhar uma história sobre a Cobra Grande, Pajé Suzete Kumaruara prontamente começou a contar uma.

A história que eu vou contar a história da cobra grande Então era uma moça, ela morava só ela com os pais dela aí ela tinha vontade de se encontrar assim com um rapaz mas ela não se encontrava quando foi um dia ela foi lavar roupas, meio dia, em cima da ponte ela viu, vinha uma um mares grande vinha vinha vinha e aquela onda aí quando chegou bem pertinho botou a cabeça em cima da ponte era uma cobra aí ela quis correr mas a a cobra rapidinho se virou pra um homem, um rapaz. A gente não corre não, eu não vou te comer não, não vou te fazer nada Aí ele sentou lá perto dela aí ela lavando a roupa

conversando com ela, conversando com ela, quando eu fui noite ele foi lá, ninguém viu, ninguém enxergou só ela que sabia aí foi o tempo que geraram logo um filho aí era duas meninas, quando nasceu eram duas meninas Só que uma era bem boazinha e a outra nasceu com uma continha no pescoço enrolado no pescocinho dela, aí conforme ela ia crescendo a cobrinha também ia crescendo Quando foi um dia ela já estava andando aí ela disse pra mãe dela, ela disse, olha mãe eu não vou mais ficar aqui porque eu não tenho força pra minha irmãzinha mais e pra onde tu vai, ela disse eu vou deixar ela no lugar dela. Aí ela foi pro porto quando ela Chegou lá e ela sentou na ponte aí a maresia veio cobriu a ponte com tudo ela aí a criança ficou sentada lá mas já só a criança a cobra não estava mais aí a conta foi embora Ela não ia fazer mal a ninguém, aí ela foi dizer no sonho da mãe dela que daquele dia em diante ela ia ser uma cobra pra defender todos os pescadores, os barcos que andava no rio aí ela não ia fazer mal a ninguém porque ela tinha sido muito bem tratada pelos pais dela. Fim. (Pajé Suzete Kumaruara, 2023).

A história da cobra grande, sob a perspectiva da Pajé Suzete, nos leva a um território sagrado, onde a natureza é venerada como mãe e mestra, e onde os mitos são alicerces da cosmovisão amazônica. Nossos passos nos levarão a um entendimento mais profundo dessa figura lendária, uma entidade que encarna a ligação entre os povos indígenas, as águas e a floresta, entre a terra e o céu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens antropológicas da(as) religiões em nosso tempo, enfatizam a importância de reconhecer e valorizar a diversidade dos modos de vida ameríndias, não apenas como um legado histórico, mas como um componente vital para a sustentabilidade ecológica (Portal, Moraes, 2023). Esses modos de vida representam uma integração profunda entre humanos, ancestralidades e natureza, oferecendo perspectivas valiosas sobre coexistência e sustentabilidade. Portanto, é crucial adotar uma visão que valorize esses mundos de saberes por seu valor intrínseco e sua contribuição contínua para a humanidade. Sob uma perspectiva antropológica, essa valorização deve incluir o reconhecimento dos movimentos etnoresistentes, como os

do Tapajós. Esses movimentos são fundamentais na luta pela manutenção e revitalização dos valores indígenas e na defesa de seus territórios e modos de vida.

Eles não apenas resistem às pressões externas de exploração e degradação ambiental, mas também reconstróem continuamente suas identidades e práticas, demonstrando a resiliência e adaptabilidade dos povos indígenas. Os movimentos etnorresistentes do Tapajós exemplificam como a resistência étnica e a defesa do meio ambiente estão interligadas, reforçando a importância de uma abordagem integradora que valorize a conexão com a natureza.

A abordagem antropológica atual enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a diversidade cultural dos povos indígenas, não apenas como um legado histórico, mas como um componente vital da identidade nacional e da sustentabilidade ecológica. Esses modos de vida representam uma integração profunda entre humanos, ancestralidades e natureza, oferecendo perspectivas valiosas sobre coexistência e sustentabilidade. Portanto, é crucial adotar uma visão que valorize essas culturas por seu valor intrínseco e sua contribuição contínua para a humanidade.

Este artigo enfocou a influência profunda e duradoura dos modos de vida ameríndios na sociedade brasileira, destacando a grande importância dos mitos, rituais e narrativas orais na transmissão de conhecimentos ancestrais. Ele apresenta relatos vívidos e envolventes da Pajé Neusa Kumaruara, uma respeitada guardiã das práticas ancestrais de cura, e da Pajé Suzete Kumaruara, que compartilham generosamente seus conhecimentos sobre plantas medicinais e práticas de cura. Além disso, o texto traz à vida narrativas de mitos e lendas, como a história fascinante do boto, uma experiência pessoal da Pajé Neusa e a lenda arrepiante da Cobra Grande no rio Tapajós. Estas histórias, transmitidas de geração em geração, são um testemunho da rica expressões das comunidades indígenas.

A Pajé Neusa compartilha a importância crucial das narrativas orais na preservação da dos conhecimentos e relações com humanos e não-humanos, e na transmissão de conhecimentos entre gerações. Ela enfatiza a vitalidade e relevância contínua das práticas de cura e narrativas tradicionais das comunidades indígenas. Por outro lado, a Pajé Suzete destaca a conexão profunda e intrínseca entre a natureza e a saúde. Ela compartilha conhecimentos sobre plantas medicinais e práticas de cura, enfatizando a importância da fé e da espiritualidade na medicina tradicional indígena.

O artigo também apresenta narrativas de mitos e encantados, como a história do Jurupari, que revela a importância das tradições e crenças nas comunidades ribeirinhas da Amazônia.

A história do Pajé Sacaca Antônio Gabriel ilustra a crença e prática da pajelança na região amazônica, onde a cura espiritual é vista como uma habilidade especial transmitida por meio de eventos misteriosos e encontros sobrenaturais.

Em termos sociais, a pesquisa visa dar voz e visibilidade às pajelanças femininas, reconhecendo seu papel central no contexto religioso do povo Kumaruara. Ao compreender a importância dessas práticas e memórias, pode-se promover o respeito e a valorização das tradições indígenas, confiantes para a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural, na qual as vozes e perspectivas dos povos indígenas sejam reconhecidamente reconhecidas e respeitadas. Do ponto de vista científico, a pesquisa fornece uma investigação a respeito das pajelanças femininas.

Ao explorar as práticas e memórias desses ritos religiosos, pode-se obter *insights* valiosos sobre a complexidade e diversidade das manifestações religiosas indígenas, bem como compreender os processos de transmissão e adaptação dessas tradições ao contexto contemporâneo.

Isso contribuirá para o enriquecimento do campo de estudos das religiões, da antropologia dos estudos indígenas, fomentando reflexões teóricas e metodológicas relevantes. Além disso, os possíveis resultados dessa pesquisa têm um papel potencial e socialmente relevante. A compreensão das práticas e memórias das pajelanças femininas pode fornecer direitos para ações de preservação e fortalecimento da auto-identidade do povo Kumaruara, bem como para programas de valorização e promoção do seu patrimônio mundano.

Os resultados também podem embasar políticas públicas e ações de inclusão e respeito às tradições indígenas, promovendo ações afirmativas e uma maior interculturalidade em nossa sociedade. Portanto, diante do potencial dos resultados, justifica-se a realização dessa pesquisa sobre as pajelanças femininas na aldeia Solimões do povo Kumaruara, entusiasmada para a ampliação da partilha da memória e dos conhecimentos, da valorização de uma diversidade intangível e de promoção da justiça social na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de; MARÍN, Elizabeth Acevedo. *Caderno Nova Cartografia Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais*. Manaus: UEA Edições, 2014.

CURAS E MITOS EM NAVEGAÇÃO, À BEIRA E AO FUNDO DO TAPAJÓS, E EM SUAS MATAS: DUAS PAJÉS NO PROTAGONISMO DAS TRADIÇÕES KUMARUARA ENTRE RITOS, MITOS E ENCANTADOS NO COLETIVO AMERÍNDIO “SOLIMÕES”

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. *Na captura da voz: As edições da narração oral no Brasil*. Belo Horizonte: A Autêntica; FAE/UFMG, 2004.

DESCOLA, Philippe. *The Ecology of Others*. Tradução de Geneviève Godbout. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2013.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaios sobre Movimento, Conhecimento e Descrição*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural 2*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

LIMA, Leandro Mahalem de. *No Arapiuns, entre verdadeiros e -Ranas: Sobre as lógicas, as organizações e os movimentos dos espaços do político*. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (DAFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2015.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. *Horizontes Antropológicos*, v. 5, n. 12, p. 125-144, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71831999000300005>. Acesso em: 12 nov. 2024.

OLIVEIRA, J. P de. Pacificação e tutela militar na gestão de populações e territórios. *Mana* [Internet]. 2014 Apr;20(1):125–61. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000100005>

PEIXOTO, Rodrigo Correa; ARENZ, Karl; FIGUEIREDO, Kércia. O Movimento Indígena no Baixo Tapajós: etnogênese, território, Estado e conflito. *Novos Cadernos NAEA*, v. 15, n. 2, p. 279-313, 2012. REIS, J. de A.; FERREIRA, M. de N. de O. Pajé, conhecimento cultural e terminologia de plantas medicinais em Parkatêjê. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 186, 2017.

PORTAL, T. M; MORAES JR, Manoel Ribeiro. Práticas cosmopolíticas de educação e resistência Ka'apor: A educação Jumueha Renda Keruhu e a Marcha em memória a Sarapó Ka'apor. *Davar Polis-sêmica*, v. 18, p. 460-473, 2023.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Edições 70, 2000.

SILVA, Marcos Antônio. De onde veio essa gente que tem a cor da terra. (Prefácio). In: NÖTZOLD, Ana

Lúcia Vulfe; MANFROI, Nina Mozzato da Silva (Orgs.). *Ouvir memórias, contar histórias: mitos e lendas Kaingáng*. Editora Pallotti, Santa Maria, RS, 2006.

TAPAJÓS, I. B S. *Direitos indígenas no Baixo Tapajós, entre o reconhecimento e a negação: o caso da Terra Indígena Maró*. – Santarém, 2018. 182 fls.: il. Inclui bibliografias. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Sociedade. Santarém, 2018.

TILLICH, Paul. *A Coragem de Ser*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

VAZ FILHO, Florêncio Almeida. *A emergência étnica de povos indígenas no Baixo Rio Tapajós, Amazônia*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS), Salvador, 2010.